

**DA EXPLOSÃO DE SENTIDOS A CONSCIÊNCIA IMEDIATA:  
DEFINIÇÕES DA “TEORIA DA PRÁTICA” DE HUGUES DE VARINE-  
BOHAN NO BRASIL**

**Roberto Fernandes Dos Santos Junior\***

**Resumo:** O presente artigo visa captar os indícios da construção de uma “teoria da prática” de Hugues de Varine-Bohan, a partir das consultorias realizadas por ele em território brasileiro. Contudo, o estudo do pensamento museológico contemporâneo é um convite para constante investigação, frente a um pálido esboço na consolidação de uma ciência que aos poucos intenta traçar novos itinerários para a solidificação no campo científico diante de um objeto fenomenológico. Para isso, o trabalho discute sob o ponto de vista de alguns conceitos do sociólogo francês Pierre Bourdieu, a aplicação desse novo modo de fazer ciência, empregado pela corrente da “Nova Museologia”. Frente ao percurso percorrido pelo pesquisador francês Hugues de Varine, como pioneiro da corrente de pensamento ligada a esse novo paradigma, como criador do conceito de “ecomuseu” e os impactos atribuídos ao seu pensamento e prática na constituição de uma categoria voltada para o despontar de trabalhos voltados para a função social do museu. Nesse aspecto, o artigo partirá de uma breve análise de uma entrevista concedida pelo pensador francês para esse trabalho. Com fins de identificar especificidades da teoria museológica e os trabalhos de consultoria que foram realizados por ele em parceria com instituições brasileiras.

**Palavras-chave:** Hugues de Varine; Nova Museologia; Teoria da Prática.

**Abstract:** The present article aims to capture the evidence of the construction of a "theory of practice" of Hugues de Varine-Bohan, based on the consultancies carried out by him in Brazilian territory. However, the study of contemporary museological thought is an invitation to constant research, in the face of a pale sketch of the consolidation of a science that gradually tries to trace new routes for solidification in the scientific field before a phenomenological object. For this, the work discusses from the point of view of some concepts of the French sociologist Pierre Bourdieu, the application of this new way of doing science, used by the current of "New Museology". Facing the path taken by the French researcher Hugues de Varine, as a pioneer of the current of thought linked to this new paradigm, as creator of the concept of "ecomuseum" and the impacts attributed to his thought and practice in the constitution of a category aimed at the emergence of Works aimed at the social function of the museum. In this aspect, the article will start from a brief analysis of an interview granted by the French thinker for this work. In order to identify specificities of the museological theory and the consulting works that were carried out by him in partnership with Brazilian institutions.

**Key-words:** Hugues de Varine; New Museology; Theory of Practice.



## 3º sebra mus

Antes de me debruçar sobre alguns dos trabalhos desenvolvidos por Hugues de Varine-Bohan no Brasil, visualizarei através de aspectos da bibliografia de Pierre Bourdieu o que vem a ser considerado como uma “Teoria da Prática” no campo sociológico. Esse conceito nos ajudará a entender a produção e as atividades realizadas por Varine a partir de um outro viés de investigação. Portanto, o que temos como objeto para estudo neste artigo vem a ser a aplicação da teoria museológica em caráter prático, em algumas experiências museais gestadas sobre a consultoria de Hugues de Varine no Brasil. Além disso, farei uma breve análise sobre uma entrevista que o pesquisado concedeu para este trabalho.

Tudo isso com base em inquietações do campo em relação a todo esse processo de constituição conceitual do que é a Nova Museologia no campo dos museus e da Museologia, em meio a uma série de conflitos e divergências em relação às terminologias ligadas a esse novo ideal museológico (CERÁVOLO, 2004), onde posso aqui apresentar uma ausência clara frente a uma definição do que viria ser o objeto de estudo da Museologia e as leis universais que a delimitam enquanto corpus científicos estabelecido.

No estudo denominado *Pierre Bourdieu: a teoria na prática (2006)*, do pesquisador Hermano Roberto Thiry-Cherques, ele elenca os pontos referentes a esse pensamento de Bourdieu de forma que haja um labiríntico nas ações que recorrem a esse ideal teórico-prático que vai contra a uma ideia de linearidade. Assim, “Investigando sobre o terreno, ele verifica que o trabalho científico não é uma operação linear. Que, ao longo da pesquisa, a problemática pode ser alterada, a hipótese modificada, as variáveis reconsideradas.” Através disso, elenca os seguintes tópicos:

- Marcação de um segmento do social com características sistêmicas (campo);
- Construção prévia do esquema das relações dos agentes e instituições objeto do estudo (posições);
- Decomposição de cada ocorrência significativa, característica do sistema de posições do campo (*doxa, illusio...*);
- Análise das relações objetivas entre as posições no campo (lógica);



## 3º sebra mus

- Análise das disposições subjetivas (*habitus*);
- Construção de uma matriz relacional corrigida da articulação entre as posições (estrutura);
- Síntese da problemática geral do campo.

Esses pontos contribuem para a percepção do quadro conceitual produzido por Bourdieu que vai ao encontro do que vem a ser pregado por Hugues de Varine na sua ação prática. Nesse aspecto, vale ressaltar que as proposições que envolvem a ideia de constituir um campo de atuação através da “Nova Museologia” vão despontar num conjunto de estudos e práticas sociais voltadas as mais diversas populações. Frente a essa prerrogativa, em seu trabalho intitulado como *Esboço de uma teoria da prática* (1972), Bourdieu aponta para a ideia voltada para os modos de conhecimento em consonância com o caráter fenomenológico das implicações da aplicação da teoria de Varine no campo museológico:

O mundo social pode ser objeto de três modos de conhecimento teórico[...], mesmo não sendo de forma alguma exclusivos, ao menos em direito, só têm em comum o fato de se oporem ao modo de conhecimento prático. O conhecimento que chamaremos de fenomenológico (ou, se quisermos falar em termos de escolas atualmente existentes, "interacionista" ou "etnometodológico") explicita a verdade da experiência primeira do mundo social, isto é, a relação de familiaridade com o meio familiar, apreensão do mundo social como mundo natural e evidente, sobre o qual, por definição, não se pensa e que exclui a questão de suas próprias condições de possibilidade. (BOURDIEU, 1972, p. 01)

Dessa maneira, podemos delimitar que o campo de atuação da proposta de Varine é definido em consonância com as práticas de desenvolvimento comunitário que tem por objetivo claro uma relação de familiaridade de um determinado núcleo de agentes com a potencialidade expressa pelo seu patrimônio em meio a uma possibilidade de realização de um estudo que opera em modo prático. Com isso, devemos levar em consideração a aplicação metodológica da teoria, em que:



## 3º sebra mus

Tratar da teoria como um *modus operandi* que orienta e organiza praticamente a prática científica é, evidentemente romper com a complacência um pouco feiticista que os <<teóricos>> costumam ter para com ela. (BOURDIEU, 1989, p.60)

Frente a isso, é agregada a demarcação desse campo que será estudado, diante de uma análise para a formulação da teoria que será aplicada no próprio campo. Com isso, podemos trazer aqui os exemplos expressos no livro *As Raízes do Futuro: O Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local* (2012) onde Varine traz uma série composta por seis “fichas práticas” que servem de base para um estudo in loco, “[...] pois, formar um objeto teórico que será submetido à prova empírica. A construção do fato social consiste em delimitar claramente um segmento da realidade” (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 44), para a execução de projetos de implantação de museus comunitários ou ecomuseus. Na lógica enraizada do trabalho prático, existe as aproximações e dissonâncias que apontam para as possíveis aproximações e distanciamentos diante de uma confluência de saberes específicos e delineados, onde pode ser expressada de forma profícua na realização aplicação de fichas práticas como ferramenta de legitimação de uma polifonia do estudo e análise dessa teoria na prática. Pois segundo Bourdieu em *O poder simbólico* (1989):

Compreender trabalhos científicos que, diferentemente dos textos teóricos, exigem não a contemplação mas a aplicação prática, é fazer funcionar praticamente, o respeito de um objeto diferente que nele se exprime, é reativá-lo num novo acto de produção [...]. (BOURDIEU, 1989, p. 63-64)

Outro ponto a ser pensado em relação a essas fichas é a relação que as perguntas têm em confluência com as questões inerentes a essa teoria da prática, Desse modo, trago aqui uma dessas perguntas que são tratadas no texto de Varine no processo de construção do inventário para uma instituição de desenvolvimento local “[...] “Classificar” segundo uma ordem de prioridade justificável (quer dizer, tomar uma decisão em função do interesse geral, familiar, comunitário, social...)” (VARINE, 2012, p. 82) . O processo de classificação visto dessa forma engloba os estudos de teoria da prática quando ele aponta para escolhas a serem tomadas em relação de que “classificadores” serão utilizados no processo, especialmente a partir do momento em que se discute com a comunidade o que a mesma quer que seja



## 3º sebra mus

empreendido no seu plano de desenvolvimento comunitário e museológico. A comunidade assume papel decisivo na função classificatória de delimitar pontos e espaços de estudo, visita e diálogo. Na formulação e execução do que o autor apresenta como “inventário participativo”.

Ele continua com essas perguntas provocações, onde na segunda ficha ele pergunta: “O que queremos fazer ou não fazer do elemento do patrimônio em questão?”. Com isso trazemos a segunda proposição em que ele coloca a comunidade como agente de escolha e objetivação do que deve ser pensado e estudado nesse processo, onde se

[...] constrói relações objetivas (isto é, econômicas ou lingüísticas), que estruturam as práticas e as representações das práticas (ou seja, em particular, o conhecimento primeiro, prático e tácito, do mundo familiar), ao preço de uma ruptura com esse conhecimento primeiro e, portanto, com os pressupostos tacitamente assumidos que conferem ao mundo social seu caráter de evidência e de natural: com efeito, somente se nos colocarmos a questão – que a experiência dóxica do mundo social exclui por definição – das condições (particulares) que tomam possível essa experiência é que o conhecimento objetivista pode estabelecer as estruturas objetivas do mundo social e a verdade objetiva da experiência primeira enquanto privada do conhecimento explícito dessas estruturas. (BOURDIEU, 1972, p. 01)

O desdobramento da teoria em relação à prática nesse caso diz respeito à continuidade dessa teoria mesmo em campo. Pois, a conclusão da teoria só vai ser consolidada com a ênfase prática. Com isso, fica clara a ideia de Varine expressa no livro *Raízes do Futuro* (2012), quando o autor, em cada capítulo, busca trazer para o viés prático a aplicação da teoria que está sendo abordada na publicação com o intuito de elaborar um movimento de autenticação de uma prática de escolha e legitimação de um legado patrimonial em decorrência da possibilidade da sua utilização como ferramenta de subsistência econômica para uma determinada parcela da sociedade. Uma aproximação da teoria com o campo de atuação, como forma de especialização dos agentes envolvidos na construção coletiva implícita na proposta/concepção museal.

## Hugues de Varine e as definições conceituais das práticas museais

Para dar continuidade ao estudo da bibliografia de Hugues de Varine é preciso retomar a questões conceituais. Para isso, foi enviada uma entrevista por escrito com seis perguntas, respondido em francês e traduzidas depois pelo Professor Dr. Clovis Carvalho Britto<sup>1</sup>, abordando algumas dessas questões. Nela, Hugues de Varine explicou de forma resumida o que seria a “Nova Museologia”, “Ecomuseologia” e “Sociomuseologia”, através da seguinte pergunta: “No que tange os termos e conceitos da Nova Museologia. Qual a diferença entre Ecomuseologia e Sociomuseologia?”.

A **Nova Museologia** é um movimento de contestação da Museologia tradicional e de experimentação de novas formas de museus que valorizem o lugar dos museus na sociedade e novos modos de gestão de coleções. Ela é o fruto de transformações mais ou menos espontâneas que ocorreram nos anos 70 do século passado (Conferência ICOM<sup>2</sup> de Grenoble, Mesa Redonda de Santiago, primeiros museus de territórios ou ecomuseus etc.). Muito tem sido falado sobre a Nova Museologia, mas ela não tem sido teorizada, tornando-se essencialmente uma prática e um ideal. Ela pode ser aplicada tanto para a transformação interna de museus tradicionais, quanto para a criação de novos museus. A **Ecomuseologia** é uma palavra, também não codificada, que abrange uma série de práticas de gestão do patrimônio por uma comunidade em um território. Essas práticas são conhecidas por diversos nomes: ecomuseus propriamente ditos, museus comunitários, museus locais. Elas assumem formas mais ou menos experimentais, inventando modos de ação e educação patrimonial relacionados aos territórios culturais, sociais, ambientais e econômicos. Ela não é respaldada em modelos, até porque não existem dois museus comunitários ou ecomuseus semelhantes: cada projeto, cada realiação é única, porque cada comunidade, cada patrimônio e território são únicos. A **Sociomuseologia** é uma disciplina acadêmica, de origem luso-brasileira, que tenta definir

---

<sup>1</sup> Pós-Doutor em Estudos Culturais no Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB), Linha de Pesquisa Arte, Cultura e Patrimônio. Doutorando em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), Portugal. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Mestre em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Adjunto na Universidade Federal de Sergipe (UFS) vinculado ao Departamento de Museologia e aos Programas de Pós-Graduação em Antropologia e em Culturas Populares. Professor no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e orientador da presente pesquisa. <http://lattes.cnpq.br/7846212059366799>

<sup>2</sup> Comitê Internacional de Museus



## 3º sebra mus

cientificamente os fenômenos e os conceitos da Nova Museologia e da Ecomuseologia. Ela analisa as experiências visando observar as características comuns. VARINE-BOHAN, Hugues de. Entrevista concedida a Roberto Fernandes dos Santos Junior. França, 22 jan. 2017.

Aqui fica a inquietude de entender o “movimento”, a “prática de gestão” ou a “disciplina acadêmica”. Vemos que diante de tantos estudos apresentados na área em relação ao contexto social da Museologia, a proposta ainda não conseguiu se fixar no patamar acadêmico de forma a sanar essas proposições que ainda perpassam o delineamento do campo museal. Em relação a isso vemos a ideia expressa por Varine em tratar dos museus brasileiros como um apanhado de museus comunitários, mesmo que algum deles tenha outras denominações, implicações que também podem ser visualizadas na não consolidação de algumas terminologias ligadas ao fenômeno da Nova Museologia.

Existem na América Latina, e no Brasil, um grande número de museus comunitários, alguns dos quais levam o nome de ecomuseu, porque seus fundadores assim os designaram. Em termos brasileiros, os ecomuseus, museus de favelas, os museus indígenas, muitos Pontos de Memória, alguns terreiros e certas comunidades afro-brasileiras são museus comunitários. Muitas vezes o termo ecomuseu é escolhido para se distinguir do museu tradicional e destacar claramente sua relação com o território, a comunidade, a globalização do patrimônio vivo (natural e cultural, material e imaterial) etc. O único país onde os ecomuseus possuem um “rótulo” oficial é a Itália, onde as doze regiões adotaram “leis de ecomuseus” e estabeleceram critérios para a aprovação de tais ecomuseus, métodos de avaliação, redes regionais etc. [...] É por isso que o Fórum organizado em Milão em julho passado para os ecomuseus italianos abarcou “os ecomuseus e museus comunitários”. VARINE-BOHAN, Hugues de. Entrevista concedida a Roberto Fernandes dos Santos Junior. França, 22 jan. 2017.

No texto Ecomuseu (2000), Varine apresenta o que vem a ser essa tipologia museal que constituiu um dos elementos que balisaram a Nova Museologia, apontando para alguns de seus aspectos:

O ecomuseu, em uma variedade comunitária, é inicialmente uma comunidade e um objetivo, o desenvolvimento dessa comunidade. Em seguida, é uma pedagogia global que se apóia em um patrimônio e em agentes que pertencem ambos a essa mesma comunidade. Enfim, é um



## 3º sebra mus

modelo de organização cooperativa com vistas ao desenvolvimento e a um processo crítico de avaliação e de correções contínuas (VARINE-BOHAN, 2000, p. 69).

Sendo assim, o processo de desenvolvimento<sup>3</sup> e aperfeiçoamento dos ecomuseus lida diretamente com as impressões e as marcas que a comunidade atribui ao seu museu. Com elementos que aproximam a instituição ao contexto a qual corpo social integra. Apresenta-se primeiramente como elemento de desenvolvimento territorial, para a produção do conhecimento necessário para a manutenção do ecomuseu.

O ecomuseu é, pois, o instrumento privilegiado do desenvolvimento comunitário. Ele não visa primeiramente ao conhecimento e à valorização de um patrimônio; ele não é um simples auxiliar de um sistema educativo ou informativo qualquer, não é um meio de progresso cultural e de democratização do acesso a obras eternas da genialidade humana (VARINE-BOHAN, 2000, p. 70-71).

Já em questões de terminologia, Hugues nos apresenta a seguinte definição do que é o ecomuseu, com uma definição mais clara e específica em relação a sua formação.

[...] o fato “museu” remete exclusivamente à uma linguagem das coisas reais, o prefixo “eco” refere-se a uma noção de ecologia humana e as relações dinâmicas que o homem e a sociedade estabelecem com sua tradição, seu meio ambiente e os processos de transformação desses elementos, quando alcançaram um certo estágio de consciência de sua responsabilidade de criadores (VARINE-BOHAN, 2000, p. 69).

No entanto, ainda devemos saber como foi que Hugues de Varine iniciou seu trabalho de consultoria. Pois cada nuance desse trabalho está ligado diretamente com o trabalho de consultoria que ele desenvolve desde a sua saída do ICOM. Ele trabalhou “em especial dos auxílios para a criação de empresas e empregos, inclusão social e projetos de desenvolvimento económico, cultural e social.”. Sendo que:

Eu comecei a trabalhar em 1975, em uma agência de desenvolvimento público em um pequeno distrito ao norte de Paris. Em seguida, em 1985, eu

---

<sup>3</sup> “[...] a nova museologia – ecomuseologia, museologia comunitária e todas as outras formas de museologia ativa – interessa-se em primeiro lugar pelo desenvolvimento das populações, refletindo os princípios motores da sua evolução ao mesmo tempo em que as associa aos projetos futuros.” (Declaração de Quebec, 1984)



## 3º sebra mus

trabalhei para o desenvolvimento das zonas de habitação social na França e em 1990 eu criei a minha empresa de consultoria em desenvolvimento local e comunitário (ASDIC) com a qual eu trabalhei na França e no estrangeiro (especialmente em Portugal e no Brasil). Em seguida, em 2000, eu continuei "free lance" e trabalhei principalmente em missões sobre o patrimônios e os ecomuseus, no Brasil e na Itália. Eu finalizei essa atividade profissional em 2013 e desde esse momento estou me dedicando ao ensino e ao acompanhamento de projetos, voluntários e gratuitos, especialmente na Itália. VARINE-BOHAN, Hugues de. Entrevista concedida a Roberto Fernandes dos Santos Junior. França, 22 jan. 2017.

Vemos um trabalho pelas lentes do próprio Varine que destaca a continuidade de sua trajetória na Museologia, mesmo que hoje ele não tenha todo o suporte que ele tinha antes dos anos 2000. Isso se dá pelo enfraquecimento do termo “Nova Museologia”, que, com o tempo, foi se diluindo e se transformou em diversas terminologias ligadas à essa nova contextualização museal (Museologia Social, Museologia Comunitária, Museologia Popular, Sociomuseologia etc.), que acabou descentralizando os esforços para ideias de algum modo distintas e ainda com contornos não muito claros.

### **Cultivando raízes para o futuro de uma Nova Museologia no Brasil**

Transitando pela perspectiva de ser um “observador participante” nas suas ações de consultoria, Hugues de Varine aproximou-se do Brasil no início de sua carreira de consultor internacional. Isso se deu por meio de pessoas que o trariam para o campo museal brasileiro, como também da sua proximidade quanto ao idioma português.

Eu creio que duas razões expliquem meu envolvimento com o Brasil: eu poderia falar sobre o relacionamento dos museus com o desenvolvimento local, graças ao meu passado no ICOM e a minha profissão de agente de desenvolvimento; e também eu poderia falar um pouco de português, que eu aprendi em quase três anos em Portugal (1982-1984) como diretor do Instituto Franco-Português em Lisboa. Eu poderia, assim, acompanhar projetos de campo, com um olhar muito diferente, não como museólogo mas associado a uma experiência de museus com um outro desenvolvimento dos territórios. VARINE-BOHAN, Hugues de. Entrevista concedida a Roberto Fernandes dos Santos Junior. França, 22 jan. 2017.



Porém, a afinidade com o idioma não era só a responsável pela aproximação com o país. Desde a década de 1980, Hugues desenvolve ações de consultoria no Brasil. Processo iniciado com a tradução de um dos seus livros:

Tudo começou em 1987, quando Fernanda Camargo Moro, que eu tinha conhecido quando eu dirigia o ICOM, traduziu e publicou em português meu livro "O Tempo Social" (Editora Eça - em francês *L'initiative Communautaire*). Depois eu participei em 1992 na primeira reunião internacional de ecomuseus no Rio de Janeiro, também organizado por Fernanda. Depois eu vim diversas vezes em Itaipu, Rio Grande do Sul, e Petrópolis (com Maria de Lourdes Parreiras Horta, que dirigia a equipe do Museu Imperial). Em 2001 e 2004, participei ativamente no segundo e terceiro Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários (II e III EIEMC) no Ecomuseu de Santa Cruz. VARINE-BOHAN, Hugues de. Entrevista concedida a Roberto Fernandes dos Santos Junior. França, 22 jan. 2017.

Como elencada na citação acima, ele conheceu e trabalhou em algumas cidades brasileiras desenvolvendo a suas práticas. A primeira instituição que passou por suas orientações para o desenvolvimento dessa “teoria da prática”, foi o Ecomuseu de Itaipu-PR. Mas como referenciado, ele integrou outros diversos projetos, traçando também uma temporalidade em relação a eles. “Estas missões foram geralmente curtas, entre três dias e uma semana no campo. Elas foram seguidos por contatos frequentes via internet”. Diante disso, ele enumerou sua participação nos seguintes projetos:

- Ecomuseu de Itaipu, Foz do Iguaçu (PR) – de 1987 a 2010 – missão de acompanhamento da evolução do ecomuseu desde a sua criação, implantação do Programa « Cultivando Agua Boa », relação com o lado paraguaio (Museu da Terra Guarani)
- Ecomuseu da Santa-Cruz (Rio de Janeiro) – de 1992 a 2012 – participação dos Encontros Nacionais (Jornadas de Ecomuseologia, 2009) e Internacionais (II e III EIEMC 2000 e 2004), mobilização dos agentes econômicos.
- Ecomuseu da Serra de Ouro Preto (MG) – 2008-2012 – Organização do Ecomuseu, metodologia de inventário do patrimônio, integração do ecomuseu na rede de museus e



## 3º sebra mus

sítios do patrimônio de Ouro Preto e da Bacia do Ouro, criação de um parque arqueológico.

- Ecomuseu da Amazônia, Belém (PA) – 2009-2012 – Organização do Ecomuseu, dinâmicas de micro-desenvolvimento e de micro-economia nos diversos territórios do ecomuseu, preparação do IV EIEMC, método de inventário, aplicação de cursos de capacitação, promoção do artesanato de bases tradicionais.
- Rio Grande do Sul – 1992-2012 – visitas quase todos os anos para consulta em diversos sites: Rio dos Sinos, Picada Café, Quarta Colônia, Porto Alegre (Orçamento Participativo e Lomba do Pinheiro), São Miguel das Missões, Pelotas.

Além desses trabalhos, foram realizadas algumas pequenas intervenções no Brasil e no continente europeu:

- Fundação Oswaldo Cruz – 1994 – relação da Fundação com as favelas vizinhas.
- Organização e acompanhamento de uma viagem de estudos de ecomuseólogos brasileiros em alguns ecomuseus da Europa (2011)
- Apoio à criação da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC)

É válido ressaltar que “Todas estas ações foram objeto de notas e relatórios em francês, o principal foi traduzido para o português. Mas estes documentos são propriedade dos organismos que me contrataram”. Posto isso devemos pensar em como esse trabalho foi realizado no Brasil de acordo com um recorte específico em algumas das instituições que passaram pela intervenção de Hugues de Varine-Bohan. Em uma parte da entrevista, ele traça o panorama do que podemos ver na sua própria narrativa um exemplo claro do contexto das suas consultorias.

Porque eu nunca quis dar conselhos ou fingir orientar os projetos: Eu queria manter o meu lugar estrangeiro ou de observador participante, os atores



## 3º sebra mus

locais que decidiriam o que queriam e poderiam fazer a partir deles mesmos. Meus relatórios são realmente notas de visitas que contêm minhas reações subjetivas e questões que eu observava a partir dessa experiência. Eu creio que a minha presença ocasional lá e meu apoio permanente à distância ajudou a abrir perspectivas diferentes para os líderes de projetos e programas locais. Eu também estava trazendo experiência internacional e contatos muitas vezes úteis, não como modelos, mas como referências. VARINE-BOHAN, Hugues de. Entrevista concedida a Roberto Fernandes dos Santos Junior. França, 22 jan. 2017.

Seu perfil apresenta-se como a do educador em horizontes educacionais, diante da lógica de que ele está ali não só para representar um papel, mas para ser um agente de transformação incluso dentro da comunidade em questão. No fim, ele aponta o caminho, mas são os “atores locais” que decidem por onde deve ser encaminhado o processo de constituição e implantação do museu. Novamente retomo a uma das “fichas práticas”.

Quando ele referência que se deve “determinar o objetivo (por exemplo, criar um museu ou ecomuseu, preparar um diagnóstico estratégico, criar um discurso político, elaborar um plano ou um esquema de ordenamento do território...)” (VARINE, 2012, p. 81), enquanto consultor ele oferece a liberdade para que a comunidade descida o que eles querem que seja constituído.

Pois assim como um educador que está ali para disseminar e aprender com os seus educandos, o consultor passa a não só a orientar o que deve ser feito, mas a estabelecer um diálogo que deixa de ser hierárquico. A proposta é promover um exercício de aproximação, reconhecimento e decisão aberta entre o agente e os atores sociais, valorizando “a atitude dos membros da comunidade em relação ao seu patrimônio comum e, sobretudo, a atitude dos sub-grupos que compõem” (VARINE, 2012, p. 75)

Hugues continua fazendo referência a esse papel fundamental do diálogo aberto entre os agentes responsáveis pelo processo que está sendo instalado, a partir do pressuposto da



## 3º sebra mus

Pedagogia<sup>4</sup>, ciência que se põe como base para a formulação da prerrogativa de libertação na Museologia.

Outro argumento é o papel pedagógico da utilização do patrimônio no diagnóstico compartilhado que nutre uma decisão estratégica igualmente compartilhada. Todo o trabalho descrito aqui transforma em profundidade os membros da comunidade, fazendo com que reconheçam a riqueza daquilo que possuem individual e coletivamente. Eles estarão assim bem preparados para tomar parte ativa no processo, inicialmente de diagnóstico, e depois de desenvolvimento. (VARINE, 2012, p.79)

Nesse processo, a comunidade é o elemento a ser pensado antes de qualquer outra coisa, até mesmo o patrimônio deve ser como um agente de segundo plano. Quando se pensa na ideia dessa Nova Museologia, o patrimônio só tem sentido com a comunidade que o compõem. Varine afirma que “[...] o patrimônio em segundo lugar, imediatamente após a análise dos recursos humanos. Juntamente com estes, é o principal componente inicial de toda estratégia de desenvolvimento sustentável”. (VARINE, 2012, p.79). Diante do trabalho de valorização do ser nas práticas museológicas, no Congresso Anual das Associações de Museus Italianos, realizado pelo Comitê do ICOM naquele país, Varine (2007) apresenta essas pessoas como “os amigos do museus”, sendo elas as responsáveis pelo seguimento das atividades em algumas unidades museológicas. Isso se assemelha ao que no Brasil é chamado de Associação de Amigos do Museu.

Essas pessoas generosas, apaixonadas, dinâmicas, que propõem seus serviços a um museu que os agrada. Trabalham ou agem para um museu existente ou para um projeto de museu, por uma exposição, uma oficina sobre o patrimônio etc. Eles fazem isso tanto por gosto profissional quanto pelo sentido de responsabilidade social. Podem grupar-se em associações ou propor seus serviços individualmente, podem também aceitar a participação nos órgãos de gestão do museu (conselhos de administração, boardoftrustees) ou de coleções (conselhos de aquisição). Em todo caso, eles se põem a serviço dos profissionais que se responsabilizam pelo museu. Os voluntários trazem ali competências, meios e influência. As competências

---

<sup>4</sup> Uma questão que será aprofundada em trabalhos futuros, consiste nos impactos do pensamento/teoria do Pedagogo de Paulo Reglus Neves Freire na teoria da prática de Hugues de Varine.



## 3º sebra mus

podem ser de gestão, científicas ou saberes técnicos. Os meios podem ser financeiros (cotizações, garantias de empréstimos, ou financiamentos diretos de trabalhos ou de exposições, materiais (objetos ou documentos, empréstimos de coleções para exposições), em tempo disponível (para trabalhos obscuros mas necessários). A influência decorre das redes de conhecimentos de amigos do museu e do peso que representam na sociedade. Em troca desses aportes ao museu que podem ser consideráveis, os amigos que são na realidade mecenas, recebem uma notoriedade social e uma satisfação moral e intelectual. Mas os museus podem também lhes trazer outras vantagens: um voluntário que quer ser eficaz deseja receber uma (in)formação específica, no domínio científico ou cultural ao qual pertence o museu, à ação cultural, ao conhecimento de públicos e das diferentes funções do museu. Ele pode também se beneficiar de uma ajuda para a gestão de seu próprio patrimônio (conservação preventiva, constituição de coleções pessoais, conselhos científicos). Pode trazer vantagens dos serviços do museu a seus familiares e amigos ou sua empresa. (VARINE-BOHAN, 2007, p. 2-3).

Para esses agentes há uma urgência que surge frequentemente em relação a todo esse panorama, pois “é preciso formá-los no que alguns na América chamam de museologia popular (Québec) ou comunitária (México). É também o que forma o essencial da « nova museologia » que agora se espalha por todos os continentes. (VARINE-BOHAN, 2007, p. 3). Diante disso percebemos as dificuldades que permeiam o campo da Museologia Social nesse aspecto de formação desses agentes locais de desenvolvimento, frente a uma demanda em que há uma retração de partes que envolvem a construção da ideia de “museu”.

Um dos aspectos do problema é, sem dúvida, que estamos diante de duas categorias de pessoas bem distintas: de um lado, museólogos qualificados, confirmados, integrados nos sistemas técnico-administrativos organizados e conscientes de sua legitimidade; de outro lado, pessoas que poderíamos chamar de militantes do patrimônio, enraizados em comunidades locais, sem qualificação formal adaptada, mas vivendo e trabalhando em simbiose com a população de seu território de pertencimento. Essas duas categorias não falam a mesma linguagem, ainda que a matéria prima de referência, o patrimônio, seja fundamentalmente o mesmo. (VARINE-BOHAN, 2005, p. 1).

Com base nisso não são só os agentes de desenvolvimento (aqueles que estão agregados a iniciativa de formação de um novo museu, mas que não tem formação específica) que



## 3º sebra mus

precisam passar por um processo de discernimento da sua função no âmbito formativo da Nova Museologia. Essa característica se constitui, também, com a proposição de diferenciação dos moldes ligados a criação de novos museus. Pois tudo passa por um processo de escolha entre a “normalidade” ou a “inovação”:

O museu « normal » é uma instituição que nasce de uma decisão político-administrativa e que existe desde o dia de sua inauguração. Sua gestação se faz no segredo dos trabalhos científicos e técnicos, dos projetos de campanhas de comunicação, dos orçamentos plurianuais, dos procedimentos de recrutamento etc. O novo museu e mais ainda o museu comunitário na sua forma mais inovadora, não segue um procedimento, mas, como já se viu, ele é um processo. Seu objetivo não é a instituição nem uma inauguração; ele é a co-construção, na comunidade e sobre seu território pelos membros da comunidade e as pessoas mais ou menos qualificadas que os ajudam, de um instrumento de desenvolvimento a partir de um patrimônio global identificado por seus detentores. (VARINE-BOHAN, 2005, p. 1).

Desse modo, quebrando as ideias dos quadros de organização institucional (organogramas), para uma definição livre dos passos que deveriam ser trilhados por esse novo museu:

Isso significa que não existe modelo organizacional próprio do novo museu. Seus promotores devem, a cada desafio, inventar estatutos e modos de funcionamento, de recrutamento, de financiamento, tendo em conta as condições locais, pessoas disponíveis (ou a hostilidade de outras...) Os administradores chevronnés (encabrestados) não podem compreendê-lo ou bem, se eles aceitam uma inovação, eles a aplicarão sem discernimento. (VARINE-BOHAN, 2005, p. 1).

Pensando a partir dessa ideia trazemos aqui uma breve análise frente à implantação do Ecomuseu de Itaipu (PR) e de Santa Cruz (RJ) no Brasil, a partir da teoria de Hugues de Varine. Pelo viés prático, essas duas instituições tomaram corpus e formas diferenciadas. O que acaba nos ajudando a visualizar essa perspectiva de organizações que ditam um ritmo próprio para poderem se constituir na sociedade:

Em 1987, foi inaugurado o Ecomuseu, segundo a Itaipu o principal agente de resgate da memória e do desenvolvimento da educação ambiental na região



## 3º sebra mus

de Foz do Iguaçu. Lá encontram-se materiais provenientes de estudos e projetos desenvolvidos antes da formação do reservatório. O objetivo do Ecomuseu é mostrar a área de 12 abrangência do reservatório de Itaipu, englobando os bens de interesse científico, cultural e tecnológico. Traz a história da região desde os caçadores e coletores, há aproximadamente 8.000 anos, até os principais fatos relativos à história da Itaipu e da região, a moderna tecnologia existente para a produção de energia. (MASCARENHAS E CASTANHA, 2009, p. 11-12).

Pensado inicialmente para ser construído a partir do modelo conservador da Museologia, ele passa por alterações na confecção de seu plano diretor com o intuito de atender as novas propostas. O intuito era que o museu atendesse a demanda de conscientização social com base no meio ambiente através do diálogo com a comunidade que fazia parte do entorno da Usina Hidrelétrica de Itaipu.

A ideia inicial era um museu no sentido tradicional corrente no período. A museóloga Fernanda Moro (1987), no entanto, ao ser contratada por Itaipu para a criação do plano diretor do novo museu, trouxe o que ia ao encontro das necessidades mitigadoras de impacto socioambiental que a empresa vinha propondo: a museologia social/nova museologia. Segundo Fernanda Moro (1987), O potencial do diálogo entre o homem e o meio ambiente desta região de Itaipu, a possibilidade de uma leitura profunda e em várias etapas da história da região desde a história geológica, até a antropologia, a ciência, a tecnologia, passando pela história biológica, pela interpretação arqueológica e pela história industrial, bem como toda a história das diversas comunidades que ali se radicaram, foram alinhadas a um programa de preservação e educação informal, formal e não-formal no projeto proposto para o Ecomuseu de Itaipu, primeiro no gênero no Brasil e América do Sul. O Ecomuseu de Itaipu foi idealizado para atuar, segundo as palavras da museóloga, como “um organismo suscetível e predisposto a participar do desenvolvimento e organização cultural da região”<sup>1</sup>. Pensado de forma sistêmica, o Ecomuseu passou a desenvolver trabalhos que vinculavam “a região (TERRITÓRIO) com elementos representativos da natureza e do desenvolvimento cultural (PATRIMÔNIO) e com a população local (COMUNIDADE).” (MORO, 1986, p. iii). Não se tratava de um museu comunitário que havia sido idealizado e criado a partir da comunidade, mas, antes disso, se tratava de um modelo museológico escolhido por Itaipu para envolver a comunidade em processos de identificação e apropriação do patrimônio integral de seu território. (RIBEIRO e MOREIRA, 2014, p. 291).

Ligado diretamente as ações de educação ambiental, o Ecomuseu de Itaipu foi pensado para atender aos anseios da comunidade local. Todavia, diferente de outras experiências, ele



## 3º sebra mus

não foi pensado pela comunidade local em detrimento de uma necessidade de preservação do meio ambiente. Mesmo seguindo fora de um contexto visualizado em âmbitos teóricos, Varine fala que “Itaipu foi um caso inovador, onde o fundador foi uma entidade pública ou privada (município, empresa, fundação) que pretendia e pôde responder às necessidades da comunidade e servir de instrumento de desenvolvimento.” (VARINE, 1989, p. 1). Com isso, a comunidade passou a desfrutar do turismo e da preservação ambiental como atividades que levaram desenvolvimento social através da economia.

Destacando a importância do estudo do primeiro ecomuseu do Brasil, e que apresenta características distintas em relação ao modelo referenciado pelo próprio pesquisador.” Avaliar a trajetória do Ecomuseu pioneiro, após duas décadas, certamente é um desafio aos que se interessam sobre os estudos de impacto social que um empreendimento desse porte promove na sociedade local.” (PRIOSTI, 2010, p. 51). Essa citação da autora nos traz a um incentivo a reflexão em torno da instituição diante da comunidade que a constitui. Agregando ideias e valores da real importância do museu em detrimento da construção da Usina de Itaipu.

Além dessa experiência, também é importante citar a construção do Ecomuseu Comunitário de Santa Cruz à luz do NOPH-Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica, que tem como objetivo a valorização da história do bairro. Fundado em 1995, o ecomuseu tem uma extensão de 125 km<sup>2</sup> que corresponde a todo o bairro situado na zona oeste do Rio. Priosti aponta que “Santa Cruz é um caso específico de comunidade que tenta aplicar realmente princípios tão radicais e sem concessões, fiel à necessidade de libertação cultural e ao direito de ela própria escolher o modo de criar e gerenciar esse museu.” (PRIOSTI, 2010, p. 61).

Essa é a diferença primordial ao analisar a proposta de trabalho de Hugues de Varine, onde dentro dessa perspectiva ele traça museus distintos e com conotações metodológicas diferentes de acordo com cada caso. Onde vemos a aplicação da ideia de Ecomuseologia no caso do museu de Itaipu, e o seu aprimoramento no caso de Santa Cruz com a aplicação de uma Ecomuseologia Comunitária.

### Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. Tradução das partes: "Les trois modes de connaissance" e "Structures, habitus et pratiques". Traduzido por Paula Montero, Geneve, Lib. Droz, 1972. p. 162-189.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Traduzido por Fernando Tomaz, Bertrand Brasil, 1989.

CERÁVOLO, Suely Moraes. **Delineamentos para uma teoria da Museologia**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. v. 12, 2004.

MASCARENHAS, Milena Costa, CASTANHA, André Paulo. **A Construção da Itaipu e os reflexos na educação de Foz do Iguaçu**. 4º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais, Paraná, 2009.

MOREIRA, Isabela das Costa, RIBEIRO, Tatiara S. Damas. **Ecomuseu de Itaipu e Programa Cultivando Água Boa: gestão patrimonial comunitária na Bacia Paraná 3**. *Cadernos do CEOM*, Santa Catarina, nº41, p. 289-305. 2014.

PRIOSTI, Odalice Miranda. **Memória, comunidade e hibridação: museologia da libertação e estratégias de resistência**. Tese (Doutorado em Memória Social), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP**, Rio de Janeiro, p. 27-55, Jan./Fev. 2006.

VARINE-BOHAN, Hugues de. **Rapport sur Un Voyage d'Études au Brésil – Colloque d'Itaipu**, avril 1989. ASDIC, 1989.

VARINE-BOHAN, Hugues de. O Ecomuseu. **Revista Ciências e Letras**, n.27, p.61-90, jan./jun. 2000.

VARINE, Hugues de. O museu comunitário como processo continuado<sup>1</sup>. **Cadernos do CEOM**, Santa Catarina, nº41, p. 25-35. 2007.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre. Medianiz, 2012.

VARINE-BOHAN, Hugues de. **Entrevista concedida a Roberto Fernandes dos Santos Junior**. França, 22 jan. 2017.



3<sup>o</sup>  
sebra  
mus

VARINE-BOHAN, Hugues de. **O museu comunitário é herético?** In: Jornal Quarteirão- no. 67 - Maio/Junho 2006. Rio de Janeiro, NOPH: p. 12-15. Disponível em [www.interactions-online.com](http://www.interactions-online.com) – março/abril-2005 Acesso em: 20 fev. 2017.